



RELICI

TITANIC (1997): UM PONTINHO NO OCEANO, UM MARCO NA HISTÓRIA¹

Pedro Gabriel Costa²

Dirigido, produzido e roteirizado por James Cameron (*The Terminator* (1984), *Terminator 2: Judgment Day* (1991), *Avatar* (2009)), *Titanic* estreia nos cinemas estadunidenses em 19 de dezembro de 1997, e logo se torna um grande sucesso. Custando cerca de 200 milhões de dólares, tornou-se a primeira produção a bater a marca de 1 bilhão de dólares arrecadados, perdendo a colocação somente 12 anos depois para *Avatar* (2009) (CIPRIANO, SILVA, 2021). Agora, completando 25 anos da estreia original, volta mais uma vez aos cinemas. Pois bem, o que poderia justificar a relevância de uma película com mais de duas décadas que trata de um acontecimento do início do século XX? A resposta poderia estar na curiosidade.

Com praticamente um filme por década (*Saved From the Titanic* (1912), *In Nacht und Eis* (1912), *Atlantic* (1929), *Titanic* (1943), *Titanic* (1953), *A Night to Remember* (1958), *The Final Night of Titanic* (1975), *Raise the Titanic* (1980), *Titanic* (1997), *Titanic II* (2010) e *Titanic 666* (2022)³) o desastre do *RMS Titanic* continua a atrair a atenção de cada nova geração. Afinal, quem não gostaria de vislumbrar a metáfora dos últimos momentos de uma sociedade que estava em vias de se transformar? Como Walter Lord bem escreveu em seu clássico livro sobre o desastre:

A sequência interminável de desilusões que sobreveio não pode ser atribuída ao Titanic, mas ele foi o primeiro abalo. Antes do Titanic, tudo estava calmo. Depois, tudo ficou tumultuado. É por isso que, para quem viveu aquela época, o Titanic, mais do que qualquer outro evento isolado, marca o fim dos velhos tempos e o início de uma era intranquila (LORD, 2012, p. 184-185).

¹ Recebido em 13/02/2023. Aprovado em 15/02/2023. doi.org/10.5281/zenodo.8027423

² Universidade Tuiuti do Paraná. pedrogsecosta@gmail.com

³ Tanto *Titanic II* (2010) quanto *Titanic 666* (2022) são filmes considerados mockbusters, produções de baixo orçamento que aproveitam do sucesso de obras famosas para se vender (LIONÇO, 2019), no caso, *Titanic* (1997).



RELICI

Titanic de 1997 consegue assumir o posto de melhor dramatização do acidente, posição ocupada até então por *A Night to Remember* (1958) - película bastante influenciada pelo texto de Lord -, além de conseguir superar, em muitos aspectos, os eventos catastróficos de *The Poseidon Adventure* (1972), clássica obra ficcional do bloco de filmes de desastre dos anos 1970.

De uma história que à primeira vista não passaria de mais uma recriação do clássico shakespeariano *Romeu e Julieta*, *Titanic* prova que a história de amor entre Rose Bukater e Jack Dawson não passa da ponta do *iceberg*. A depender de quem assista, diversas são as possibilidades de análise: indo da luta de classes observada nas diferenças de tratamento entre os abastados da primeira classe e os mais modestos da terceira, as imposições sociais machistas sofridas pela personagem principal, a transição histórica do século XIX para o XX, os figurinos do período, até questões de segurança naval em 1912. Algo que não pode ser ignorado, no entanto, é a memória, já que é por meio dela que Rose acessa, no presente dos anos 1990, o passado que viveu a bordo do navio em sua viagem inaugural.

No início do filme, somos apresentados ao navio em ruínas no fundo do mar, frio, monocromático, sem alma, para depois, por meio de uma sobrevivente, Rose (agora) Calvert⁴, “voltar a vida”. A embarcação como fora, é resgatada por meio de quem a viveu. Aqui estaria um dos estímulos à curiosidade. Partindo do pensamento de Pierre Nora (1993) acerca dos lugares de memória como reflexo do que não somos mais, o fato dos acontecimentos serem narrados por uma pessoa que teria efetivamente passado por aquela situação faria com que deixasse de ser simplesmente história, partindo, então, das memórias de quem viveu a experiência em si. A proximidade desperta uma fagulha. Essa diferença pode ser observada, por

⁴ Nesse ponto é necessário diferenciar as Roses, tendo em vista que temos a do “presente”, Calvert, e a do passado, Bukater, sendo assim, serão referidas como Rose C. e Rose B respectivamente.



RELICI

exemplo, quando Rose C., ao assistir à simulação em 3D do naufrágio, agradece a explicação, mas afirma que vivenciar é diferente, ou quando ela relembra do cheiro de tinta fresca, a porcelana nunca usada etc. Na sequência, essas lembranças são mostradas em tela, permitindo que a audiência partilhe de suas memórias.

O diretor acessa, pelo que poderiam ser chamados de objetos de memória (TURGEON, 2007) (noção baseada principalmente em Nora e Proust), as recordações de Rose C.. Esses objetos podem passar despercebidos ou não terem seu real valor reconhecido, entretanto, servem para evocar a história, uma vez que agem como a ligação entre o presente e o passado. Alguns deles são: o desenho que Jack fez (se não fosse por ele inclusive não teríamos o filme), a presilha de cabelo em formato de borboleta (?) e o próprio “coração do oceano” - colar de diamante, motivo pelo qual a expedição ao *RMS Titanic* fora montada. Esses pertenceram a Rose B. de forma pessoal, e por isso, ao reencontrá-los, sua mente desperta para algum ponto específico no passado - como quando Rose C., ao pedir para ver o desenho, fecha os olhos e então vemos Jack a desenhar. No entanto, não são somente os itens pessoais que a transportam no tempo, tanto que seu primeiro vislumbre “real” do navio é por meio de uma porta – as portas são outro tópico interessante de ser analisado nesse filme.

Na tentativa de relatar o naufrágio do *RMS Titanic*, James Cameron e sua equipe se preocuparam em construir os ambientes internos e externos do navio com o máximo de exatidão possível, assim como os destruir. Sim, é necessário lembrar da destruição. Dividido em duas partes – antes e depois do *iceberg* - o longa (realmente longo, são mais de três horas de duração) apresenta primeiro a imponência do transatlântico. Nos diálogos suas características são enaltecidas: inafundável, o maior, o mais luxuoso. Na segunda parte, “o navio dos sonhos” é destruído. Inicialmente aqueles a bordo não acreditam na possibilidade de os danos causados



RELICI

pela colisão serem graves ao ponto de levar a embarcação a pique, porém, com o passar do tempo e do aumento do nível da água, o destino é certo: o *Titanic* não completará sua viagem inaugural.

O relacionamento de Rose B. e Jack segue a proposta dos segmentos. No primeiro somos apresentados aos personagens e vemos como sua história de amor se desenvolve na viagem que parece ter tudo para dar certo e mudar o destino de ambos (vale salientar que nessa parte as transições entre presente e passado são mais constantes, sendo a passagem por meio do olhar uma das mais interessantes). No segundo momento, o ritmo fica mais frenético, Rose B. mostra, de maneira perceptível, as mudanças que sofreu nesses poucos dias por meio das atitudes que apresenta: salvar Jack, fugir de seu noivo e, obviamente, sobreviver ao desastre.

Titanic (1997) é um oceano de referências históricas, indo dos ilustres passageiros, como a “inafundável” Molly Brown e o engenheiro responsável pelo navio, Thomas Andrews, até a madeira - baseada em um artefato recuperado do local do acidente - que “salva” Rose B., mas condena Jack. Contudo, é importante lembrar nem tudo aconteceu como é mostrado (vide como o Oficial Murdoch é trabalhado) e que o filme é um produto de sua época.

A obra por si só é válida, e serve também como porta de entrada para as mais diversas pesquisas, tendo em vista a quantidade de assuntos abordados quando o foco transcende a superfície. Como dissemos anteriormente, o longa pode ser analisado por inúmeras perspectivas, isso já bastaria para ser dada a sua importância. Contudo, novamente, ser um longa relativamente antigo, tratando de um assunto ainda mais antigo e conseguir se manter relevante atualmente, não é uma conquista alcançada por qualquer um.

No fim, uma reflexão que não pode ser ignorada é sobre a memória. Na busca por reaver o valioso colar, a equipe é lembrada de que por trás do material existe



RELICI

157

uma história. Isso vale para grande parte dos artefatos apresentados a Rose C. e a tantos outros que foram recuperados do local real. Cada anel, presilha, louça, fez parte da vida de alguém em algum momento, afinal, o *RMS Titanic* de fato existiu e continua lá.

Irmão mais novo do *Olympic* e mais velho do *Britannic*, o titã *Titanic* jaz eternamente aprisionado no fundo do oceano, mas, devido principalmente à visão de Cameron, repetirá indefinidamente, de novo e de novo, sua primeira e última viagem.

Referências

CIPRIANO, Ana; SILVA, Rebecca. Blockbuster: as 10 maiores bilheterias de todos os tempos. **Forbes**, 2021. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbeslife/2021/04/blockbuster-as-10-maiores-bilheterias-de-todos-os-tempos/#foto8>> Acesso em: 30 de jan. 2023.

LIONÇO, Bruna. **MOCKBUSTER NA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA: A IMITAÇÃO É A FORMA MAIS SINCERA DE ELOGIO?**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) - Área do Conhecimento de Ciências Sociais, Curso de Comunicação Social Habilitação em Publicidade e Propaganda, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019.

LORD, Walter. **Uma noite fatídica**: o clássico relato das horas finais do Titanic / Walter Lord; tradução Tomás Rosa Bueno; [prefácio Daniel Mendelsohn]. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

NORA, Pierre. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Houry. **PROJETO HISTÓRIA: HISTÓRIA E CULTURA**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 30 de jan. de 2023.

TITANIC; Direção: James Cameron. Produção: James Cameron, Jon Landau. Estados Unidos: Paramount Pictures, 20th Century Fox, 1997. 3h14min.



RELICI

158

TURGEON, Laurier. La mémoire de la culture matérielle et la culture matérielle de la mémoire. In: DEBARY, Octave; TURGEON, Laurier. **Objets & Mémoires**. Quebec: Les Presses de l'Université Laval, 2007.